

Diálogos Mecila: #05 Conservadorismos em debate

Raphael Concli: Jair Bolsonaro no Brasil, Donald Trump nos Estados Unidos, Narendra Modi na Índia. A chegada desses homens ao poder é parte de um movimento conservador crescente que se constrói há tempos.

Eles são a expressão eleitoral de processos diversos que tem alimentado a ascensão de novas direitas, ou direitas radicais pelo mundo. Nessas diferentes agendas conservadoras alguns pontos são comuns: a liderança autoritária, a afirmação de discursos nacionalistas, novos usos da internet como plataforma, não apenas eleitoral, mas de organização social.

O episódio de hoje é uma conversa sobre alguns desses temas que nos ajudam a pensar sobre esses movimentos e lideranças conservadoras. Eu sou Raphael Concli, editor do Diálogos Mecila.

Joaquim Toledo: E eu sou Joaquim Toledo Jr., editor científico do Mecila. Nossa conversa começa discutindo a organização dos chamados contra-públicos de direita na internet, em especial no Brasil e onde os atores progressistas estão nessa história toda. Em seguida debatemos o papel de ideias como o nacionalismo, o etno-nacionalismo e o masculinismo para as lideranças e movimentos conservadores. E no terceiro bloco discutimos em que ponto da curva conservadora nós estaríamos.

Longe de esgotar essas questões queremos jogar uma luz no tema dos conservadorismos, que irá guiar os trabalhos de pesquisa no Mecila este ano.

Sejam bem vindas e bem vindos a mais uma edição do Diálogos Mecila.

* * *

Joaquim: Com a gente hoje estarão: Camila Rocha, cientista política e pesquisadora do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, o Cebrap. Fernando Baldraia, historiador e pesquisador no Mecila. E Peter Birle, cientista político, diretor de pesquisa do Instituto Ibero-Americano de Berlim e um dos Pesquisadores Principais do Mecila.

A Camila tem se dedicado a investigar o surgimento da nova direita brasileira e produziu para o Mecila um artigo sobre o tema que está para ser publicado na série de Working Papers. Dentre os trabalhos de Fernando, ele faz uma comparação entre a direita radical no Brasil, Índia e Estados Unidos em um artigo que também deve sair em breve. Peter Birle é um estudioso dos sistemas políticos da América Latina, interessado na política externa dos países da região em suas relações de cooperação e integração.

Eu vou passar então para uma primeira pergunta, um ponto de partida, pensando um pouco mais na experiência brasileira e um pouco no trabalho da Camila. As últimas eleições, não só no



Brasil, se fôssemos pegar a eleição do Trump, depois a eleição do Bolsonaro no Brasil, só para comparar, para pegar dois casos, elas parecem ter culminado processos que começaram há alguns anos.

Então parece que o efeito disso foi bater agora, com a crise econômica e a emergência de movimentos conservadores e de uma nova direita, ou direita radical, especialmente na internet.

E, particularmente no caso do Brasil, parece que a internet virou um lugar onde a política e as crises políticas não só acontecem, mas elas também são geradas e geridas. Enfim, a internet virou um lugar da disputa política, como não era até poucos anos.

Eu queria passar então, Camila, você usa uma expressão no seu artigo que é dos "contrapúblicos digitais". Você pode comentar um pouco, contar o que isso tem a ver com onde estamos hoje, do ponto de vista desse processo político, da emergência dessa nova direita no país.

* * *

Camila Rocha:

Sim, claro! Bom, meu nome é Camila Rocha, sou cientista política e sou pesquisadora do Cebrap. Então, como eu afirmo nesse artigo, eu acho que esse conceito de "contrapúblicos" pode ser muito frutífero justamente para entender a ascensão disso que eu qualifico como nova direita, mas conversando com o Fernando também pode ser qualificado como direita radical. Na medida em que possibilita compreender qual papel esses atores passaram a desempenhar na esfera pública e aí, claro, a internet aparece como um meio muito importante de expressão.

Na verdade, esse uso do conceito de "contrapúblico", a gente sabe que numa teoria pós-habermasiana da esfera pública, primeiro foi utilizado pela Nancy Fraser, mas não só, para compreender as atividades de populações subalternas. Mas no meu entendimento, e eu parto muito de um crítico literário que é o Michael Warner, que na verdade vai pensar essa ideia de contrapublicidade, de contrapúblico de uma forma um pouco diferente em comparação com o que Nancy Fraser tinha pensado.

Ele vai falar: olha, para você compor um contrapúblico - que na verdade é uma arena alternativa de debate na esfera pública, mas que não é só o fato de você pensar e ter ideias radicais, ou progressistas - essa ideia de contrapublicidade não está só relacionado às ideias em si, que você tem, mas como você transmite essas ideias na esfera pública e isso é fundamental, porque essa ideia de "contrapublicidade" está ligada a uma forma disruptiva de transmitir essas ideias e que está muito mais baseada na performance dos sujeitos e nessa ideia de que, na percepção desses sujeitos, você está indo contra o que é percebido como um horizonte cultural dominante.



Então, justamente vem essa ideia muito forte na constituição da nova direita, da direita radical, de que existiria uma hegemonia cultural esquerdista que deveria ser combatida. E combatida como?

Não só com essas ideias radicais, ultraliberalismo, ou mesmo tradicionalismo, ou proposição dessas ideias radicais, mas também com uma performance disruptiva. E aí que entra o uso dos palavrões, o uso de uma linguagem sarcástica, toda uma performatividade, que na postura do Bolsonaro, nos discursos que ele faz fica bastante evidenciada. Mas, na verdade, esse tipo de performance já estava presente nas atividades da nova direita, há quinze anos atrás.

E isso não só... claro, principalmente vem muito à mente a figura do Olavo de Carvalho.

Olavo de Carvalho:

Exatamente o que vai acontecer no Iraque, os americanos saindo de lá, vai ser uma carnificina, como foi no Vietnã. E então o que restará fazer? Restará fazer o que a mesma mídia esquerdista ocidental fez no tempo do Vietnã, esconde tudo.

Camila Rocha:

Mas não só o Olavo, existiam vários outros personagens, várias outras figuras que já faziam o uso desse tipo de performance, de modo de agir, de modo de se expressar. É claro que Olavo de Carvalho com certeza foi central, no sentido que ele conseguiu hegemonizar um campo que estava se formando. No meu artigo eu falo bastante do Orkut, que foi uma rede social anterior ao Facebook em termos de popularidade no Brasil.

Então desde aquela época começaram a se formar espaços alternativos de sociabilidade e de intervenção na esfera pública. Mas é importante também deixar claro que eu também não me proponho a fazer uma abordagem tecnodeterminista do papel da internet. Eu acho que, pelo contrário, na verdade a análise tem que ser muito mais política para entender o que aconteceu na sociedade brasileira, para que esse tipo de expressão passasse a ganhar mais atenção e mesmo popularidade.

Joaquim: Tem esse fator importante no fenômeno do Bolsonaro que é o fato de que ele soube construir uma presença online, uma persona online, ou digital, que é relativamente pioneira no Brasil. Mas a ascensão dele tem também a ver com a convergência de vários elementos. Não só essa questão da organização e presença na internet.



E acho que são esses vários espaços de organização dessa direita que convergiram na eleição do Bolsonaro, como você aponta no seu artigo. Não é, Camila?

Camila Rocha:

Eu acho que isso é muito importante dizer. Ainda que a internet tenha sido com certeza muito importante, esses contrapúblicos não se limitaram a ser digitais, pelo contrário. Isso extravasou na época em que grupos passaram a disputar Centros Acadêmicos, Diretórios Estudantis. E isso no Brasil inteiro, não foi só no eixo Sul e Sudeste, foi no Brasil todo. No Nordeste, mesmo no Norte alguns grupos.

Então, essa dinâmica, essa divisão rígida entre online e offline, ela não funciona muito. Porque isso extravasa para outros ambientes, ambientes universitários, para os ambientes das organizações que foram sendo fundadas na sociedade civil, think tanks. Movimentos sociais de direita também.

Então é importante dizer que nesse período, entre 2006 até 2013, aconteceu muita coisa, foi muito produtivo para a formação dessa nova direita, dessa direita radical, tanto online, quanto offline, por meio da formação desses contrapúblicos, desses espaços alternativos de debates.

Agora o que é importante entender, é que justamente na campanha pró-impeachment da Dilma, que começou ali no final de 2014 e foi até 2015-2016. Ali que o bolsonarismo começou a surgir, porque foi ali que ele começou a ganhar expressão. Foi ali que nas pesquisas que eram feitas nos protestos, o Bolsonaro começou a despontar como um possível candidato à presidência. A maioria das pessoas que estavam nos protestos falavam que viam no Bolsonaro um possível candidato à presidência que elas gostariam de votar.

E essa ideia de que ele seria contra o sistema, etc. Foi ali que essas ideias todas começaram justamente a ganhar uma materialidade importante, inclusive foi aí que ele decidiu mesmo se lançar como candidato a presidente. E o que acontece é que, nesse campo da nova direita, da direita radical, existiram várias opções e com certeza o Bolsonaro para a maior parte das lideranças não era a melhor opção, nem de longe.

Isso eu posso falar tranquilamente, eu conversei muito com essas pessoas e todo mundo tinha um certo horror do Bolsonaro, "meu Deus quem é esse cara?". Mas como a população que participava desses protestos pró-impeachment começou a abraçar o Bolsonaro, ele começou a despontar, boa parte dessa nova direita falou "bom, se a população está indo nessa direção do Bolsonaro, vamos aproveitar porque é a nossa chance".



E aí quando o Bolsonaro de fato vai para o segundo turno é decisivo, porque fecha. Eles falam "bom, agora vamos todo mundo com o Bolsonaro, não tem jeito, vamos lá, vamos engolir, mesmo que a gente não goste, mas é o nosso candidato."

Aí sela mesmo essa confluência entre essa nova direita ou essa direita radical que veio se organizando há tanto tempo atrás com o bolsonarismo. Mas claro isso é importante dizer, e eu já dizia na época, que sempre foi um casamento de conveniência.

Essas pessoas nunca estiveram confortáveis abrigadas no bolsonarismo. Claro que existem lideranças que acabaram virando lideranças do bolsonarismo. Então, por exemplo, a Carla Zambelli, a Bia Kicis. Mas eu acho que é importante ter essa separação entre isso que estou chamando de nova direita - que o Fernando chama de direita radical - e o bolsonarismo, para a gente entender essas dinâmicas.

E inclusive entender essas deflexões mais recentes e também que ocorreram há um tempo atrás. Isso é uma coisa que já podia ser de alguma forma prevista, porque eram alianças muito pragmáticas.

* * *

Joaquim: Justamente esse casamento de conveniência está em crise, eu acho que dentro da direita tem um racha. O MBL de um lado, dá pra perceber esse movimento, a Joice Hasselmann, enfim. Eu queria aproveitar essa expressão, porque tem uma expressão no artigo do Fernando, também clássica na sociologia, que é a ideia de afinidade eletiva e essa afinidade eletiva entre o ambiente das redes sociais e o populismo.

Você usa a expressão de "demagogos digitais", Fernando, para falar desses políticos, esses homens fortes, esse circuito global populista da direita radical. Eu queria que você comentasse um pouco isso, em uma perspectiva um pouco mais comparada, como você faz no seu artigo.

Fernando Baldraia:

Opa, gente, e aí. Bom eu sou o Fernando, meu pós-doc é no Mecila, Fernando Baldraia. O que acontece? Eu vou aproveitar para pegar um pouco do gancho da Camila com o Impeachment da Dilma. Porque talvez um dos elementos importantes em cimentar o caminho que vai chegar no Bolsonaro, partindo do impeachment da Dilma, é entender a própria posição da Dilma como uma mulher que fica na posição cada vez mais fragilizada, porque teve uma campanha misógina, que contribuiu muito para o enfraquecimento da figura política da Dilma.

Então, você casa os ataques misóginos, tanto os mais toscos, grosseiros que você vai encontrar nas redes, mas mesmo aquele que aderiu a imprensa mais tradicional - a grande mídia vai apresentar a Dilma como descontrolada - tudo o que você pode associar à figura feminina destituída da possibilidade de governar um país, em ter a



responsabilidade, a serenidade e todas as coisas que você precisa para isso, elas foram de certa maneira reprojatadas na masculinidade ostensiva do Bolsonaro e do bolsonarismo.

As figuras bolsonaristas inclusive ostentam um pouco isso. Boa parte das lideranças bolsonaristas de primeira hora eram figuras assim. E essa aura de militarismo... a gente vive em uma atmosfera extremamente masculinista no Brasil e isso vai ter uma importância fundamental. Isso ressoa muito com a defesa da família, dos valores. Isso vai encontrar uma ressonância em determinadas posições neopentecostais, eles vão apoiar muito isso. Então, isso aqui no Brasil.

A gente vai ter uma coisa muito parecida nos Estados Unidos, no que diz respeito a esse elogio da masculinidade. Vocês vão lembrar que o Trump foi acusado inclusive de abuso de sexual, de misoginia. Vazaram áudios e etc, e isso não surtiu um efeito eleitoral que se imaginava, que era derrubar a candidatura dele.

Então tem alguma coisa ali de uma reação hegemônica masculina, como resposta a um crescimento, que você vai ter no Brasil e Estados Unidos muito intensamente, do movimento feminista, da crítica feminista à maneira de se organizar a sociedade, não só o governo que vai encontrar... O problema é, e aí eu fiquei pensando um pouco, ouvindo a Camila e pensando também, de como a direita conseguiu se oferecer como um contrapúblico, quando na verdade, se a gente fosse pensar de um ponto de vista um pouco mais teórico, ela na verdade é a hegemonia.

Posições hegemônicas capturaram uma determinada linguagem e uma determinada postura que era efetivamente de posições do contrapúblico, do movimento feminista, do movimento negro, do movimento LGBT e que se colocou como se fosse "olha, a gente é só mais um, do contra". Mas aí nessa captura, conseguiram se oferecer com essa cara.

Na Índia a coisa funciona mais ou menos igual, mas obviamente não é igual, porque a performance da masculinidade lá, por conta de uma herança cultural em que a ambiguidade do próprio gênero está incrustada no hinduísmo - a gente conhece na cultura de massa, na indústria cultural, como é a presença dessas figuras ambíguas de gênero na Índia. De modo que o Modi vai se apresentar muito mais como casto. A hipersexualidade masculina desse universo pode ser aquele que não se liga propriamente à sexualidade, como aquele que está acima inclusive dessas posições.

E isso vai também fazer com que ele performe a posição mas para estigmatizar a masculinidade muçulmana, para estigmatizar também as mulheres.

Ele vai aparecer em diferentes cenários cada qual um pouco com a sua cor particular, mas ele está presente como uma espécie de elemento que está estruturando a ascensão da extrema direita, em contextos domésticos e nacionais muito específicos.



Jair Bolsonaro:

Confesso que estou emocionado e me sinto muito honrado em me dirigir a uma plateia tão seleta. Hoje em dia um precisa do outro. O Brasil precisa de vocês e vocês com toda certeza, em partes, precisam do nosso querido Brasil.

Joaquim: Agora, essa ascensão da direita também tem causado mudanças profundas no campo das relações exteriores. Peter, essa é uma questão importante nas suas pesquisas, eu queria ouvir você um pouco sobre esse ponto. A gente está vendo uma crise na inserção internacional de países como o Brasil, como essa postura do país tem sido vista? E que mudanças ela representa, pensando no histórico de posições do Brasil no cenário internacional.

Peter Birle:

Muito obrigado, eu sou Peter Birle, cientista político alemão, trabalho no Instituto Ibero-americano de Berlim, como diretor de pesquisa. E como pesquisador estou concentrado em pesquisar as relações internacionais da América Latina.

Falando de como o governo Bolsonaro é visto na América Latina e no mundo, acho que em primeiro lugar é importante dizer que conservadorismo não é conservadorismo. Não é tudo o mesmo. Se temos, por exemplo, no Chile um presidente muito conservador, mas não um presidente com uma missão, como o governo Bolsonaro tem. Porque o perigoso da política de Bolsonaro é que ele quer transformar não somente o Brasil, mas a região, e quer também contribuir para transformar o mundo.

Então a intenção é provocar uma transformação política profunda e duradoura, difundindo ideias e valores culturais extremamente conservadores e iliberais. Não somente no Brasil, mas também na região. Então nesse sentido não somente a política interna do governo é importante para cumprir essa missão, mas também a política externa. Isso significa que o Brasil está desenvolvendo uma nova identidade na região e isto sim está produzindo contrarreações.

Sobretudo porque o Brasil durante quase todo o século XX têm sido um parceiro confiável, um parceiro pragmático, um parceiro importante, mas sempre tratando também de mediar conflitos. Tudo isto com o governo de Bolsonaro desapareceu. Então não somente o governo perdeu muito confiança dos vizinhos, mas também é muito difícil saber o que vai acontecer no futuro. Quais vão ser os próximos passos do governo.

Na Europa tem distintas estratégias de reagir. Se eu falo do governo alemão, de Angela Merkel, a minha impressão é que até agora estão tratando de manter uma certa relação de trabalho com o governo Bolsonaro e não aprofundar os conflitos. Mas não é fácil. Bolsonaro não tem nenhum problema em entrar em conflito, a minha impressão é que



isto também é parte da estratégia. Não é má educação, tão pouco na política interna, usar más palavras falando de outros políticos não é somente má educação é uma forma de praticar política para descreditar o outro. Isto não somente na política brasileira, mas também na cena internacional.

Raphael: Eu queria aproveitar e trazer um outro elemento, que é o papel do nacionalismo e do patriotismo. São valores com um peso importante na maneira como Bolsonaro se afirma, na identidade de uma parte dessa nova direita, que recorre a símbolos nacionais, que se propõe a fazer leituras, ou releituras, revisionistas da história. Mas mesmo que figuras como Bolsonaro, Donald Trump ou o Modi na Índia, caiam, esses valores parecem que vão se deslocar para alguma outra figura que se coloque como legítimo representante da nação. Como é que vocês veem o papel dessas ideias de nacionalismo e patriotismo na construção de líderes e de movimentos conservadores agora?

Peter Birle:

Eu não estou seguro se concordo em falar da mesma maneira do nacionalismo e do patriotismo. Para mim o patriotismo não é tão problemático. Então eu somente falaria do nacionalismo. Sim, é um grande problema. Mirando as parcerias do Brasil no momento, mostra claramente que não são as velhas parcerias na região e no mundo, mas são governos radicais e conservadores, como a Hungria de Orban, ou a Polônia. Mesmo governos como a Arábia Saudita, ou outros que também estão utilizando essa ideia do nacionalismo tão forte, que não somente são ultranacionalistas, mas também antimultilateralismo.

Acho que isto tem a ver com as ideias antiglobalistas, porque o argumento central do Bolsonaro e de outros governos nacionalistas é que a globalização produziu um marxismo cultural. Um “genderismo”. Então a melhor maneira de lutar contra o chamado marxismo cultural no Brasil, na região e no mundo, é apostar em um nacionalismo muito forte. Contra não somente organizações multilaterais na região, mas também no mundo.

Então, o desprezo contra a ONU, o desprezo contra organizações regionais como a UNASUL, que é ridículo porque, por exemplo, a UNASUL é uma organização que não nasceu com Lula, nasceu com Fernando Henrique. Porque o Fernando Henrique no ano 2000 convidou pela primeira vez todos os presidentes e chefes de governos da região para Brasília para pensar como é possível no mundo fortalecer o papel da América do Sul.

Então, dizer hoje que a UNASUL foi somente um projeto esquerdista de Lula, de Chávez, não, não é assim. Mas como a estratégia é lutar contra um chamado marxismo cultural



no mundo, então qualquer instrumento é utilizado para fazer isto: a busca de novos parceiros na região e no mundo, também a ideia de destruir organizações multilaterais existentes, mesmo novas redes, como a APROSUR, que é uma rede conservadora. Mas o governo de Bolsonaro é contra essa rede conservadora, não tem muito interesse nisso. A única coisa que interessa é fortalecer as posturas nacionais.

Joaquim: É uma impressão que a gente tem internamente também é que existe uma capacidade operacional do governo, que impede que ele saia só do campo do discurso. Eu fico pensando se essa retórica antiglobalista, se ela tem se transformado de fato em ações concretas e esvaziamento desses fóruns. Não sei qual é sua percepção, Peter. Eu acho que você comentou isso um pouco, mas se de fato essa retórica tem se transformado em ações concretas com potencial de determinar os próximos anos.

Peter Birle:

Sim, não somente é um pensamento novo, mas tem se transformado em muitos atos concretos nos últimos 18 meses. Por exemplo, o novo voto brasileiro na ONU, a respeito de votações sobre Direitos Humanos. Também propostas apresentadas pelo governo cubano, que a representante brasileira disse que o governo concordava com o conteúdo da proposta do governo cubano, mas como não era um governo legítimo, então o Brasil não votou contra, mas também tampouco a favor das propostas.

Então, não é somente um pensamento, mas são muitos pequenos passos concretos que já têm transformado profundamente a política tradicional do Brasil. É por isso que em maio todos os Ministros de Relações Internacionais desde o governo de Itamar Franco, incluindo o Fernando Henrique, que foi Ministro das Relações Exteriores de Itamar Franco, publicaram uma carta de protesto contra a política externa do governo de Bolsonaro, dizendo, e com razão, que é uma política externa anticonstitucionalista, porque é uma política que vai contra o artigo 4 da Constituição Brasileira.

Porque nesse artigo 4 você encontra certos princípios fundamentais, que devem observar a política externa do Brasil. Por exemplo, o fortalecimento da integração regional, universalismo, independência, não se subordinar. E vai ser muito difícil em uma fase pós-Bolsonaro de se readquirir a confiança dos parceiros tradicionais, voltar à imagem muito positiva que o Brasil tinha nas relações internacionais.

Porque o Brasil era um exemplo positivo das políticas externas latino-americanas, não somente com o Itamaraty institucionalizado e pragmático, seguindo regras. Mas também um país que tinha uma política externa de Estado e não de governo.



Por exemplo, na Argentina falava-se da diferença entre a política externa da Argentina e do Brasil. E o Brasil como um exemplo bom, dizendo que na Argentina cada governo tem uma nova política externa. No Brasil, desde o Barão de Rio Branco, há cem anos você tem uma política externa de princípios fundamentais: pragmatismo, universalismo, independência, autonomia, muitas coisas mais.

E, com o tempo, não todos os governos seguiram essas políticas com os mesmos instrumentos, mas os princípios fundamentais - mesmo com os militares nos anos 60 - estavam presentes. Mas com o governo de Bolsonaro é um câmbio brutal.

Joaquim: Eu queria aproveitar para pedir um comentário do Fernando sobre isso. Você discute como essa masculinidade tóxica dos líderes conservadores está ligada ao etno-nacionalismo, como é que isso opera? Você acha que isso também pode se deslocar para outras lideranças?

Fernando Baldráia:

Eu acho que esse risco de deslocamento ele é muito simples, especificamente no cenário brasileiro é muito claro que a gente pode passar de um Bolsonaro, para um Moro, com muito pouco deslocamento do ponto de vista mais amplo. E de que já tem um movimento nesse sentido "olha, a gente vai sair da extrema direita", vamos dizer assim, uma palavra ruim "boçal, tosca, mas a gente quer continuar com boa parte do pacote que temos aí de uma maneira minimamente elegante".

Então, mas é aquela história, quem é que pode encarnar essa figura da nação? De novo, a gente volta para a mesma reprodução de quem é capaz de se apresentar como essa figura da nação. O Trump consegue fazer isso nos Estados Unidos e ele retoma muito a retórica do supremacismo branco nos Estados Unidos de uma maneira escandalosa, como ele faz isso. Agora nesse debate dos monumentos foi super claro como ele foi na frente do Rushmore para falar, "olha aqui ninguém vai mexer, tem uma América aqui, tem uma imagem de América que eu represento, de valores cristãos, da sociedade ocidental". E ele mobiliza esse vocabulário mesmo, que a gente não vai colocar em questão.

E voltando um pouco na Índia, o Modi pegou o yoga e transformou em um patrimônio universal da humanidade, ele mesmo é praticante e performa essa posição. Então, como é que você se torna a pessoa capaz de encarnar a nação e levar adiante o discurso nacionalista. Isso continua muito circunscrito a determinadas características.

Quase em via de regra homem e que vão encarnar os ideias hegemônicos, domésticos em cada contexto nacional particular.



Joaquim: Só queria comentar que eu acho muito curioso essa coisa do Modi e do Partido Nacionalista Hindu, essa apropriação, quase um fisiculturismo essa yoga lá. Não é uma yoga ocidentalizada, é uma coisa mais vigorosa, muscular, masculina mesmo. É muito curioso.

Olavo de Carvalho:

Você não é o presidente dos nossos sonhos é o presidente que todos os brasileiros quiseram e querem. É o presidente que não suporta ver uma elite armada oprimindo um povo desarmado.

Joaquim: E eu fiquei aqui pensando um certo paradoxo, que é o do discurso do choque, que é um discurso que tem o perfil de contradiscurso, se transformando em um discurso que na verdade é hegemônico, tem uma espécie de hegemonia no estilo de participação na esfera pública.

Justamente essa estratégia, que é uma estratégia do choque, que é uma estratégia de um tipo de humor, que é um tipo de humor meio niilista, que não tem fronteira de gosto e de respeito, que também a gente percebeu nesses últimos anos como a direita radical, ela é mais exitosa.

Parece que eles têm uma eficácia maior no uso desses recursos, do que os atores progressistas que parecem estar sempre correndo atrás.

Na eleição de 2018 aqui no Brasil, foi de última hora que as pessoas, seja os partidos, tentaram reproduzir alguma coisa com um tipo de campanha que estava sendo feita pela campanha do Bolsonaro. Então é sempre tardio e menos eficiente.

Na sua pesquisa, Camila, tem alguma coisa que ajude a gente a entender essa diferença, essa maior eficácia?

Camila Rocha:

Bom então, eu acho que tem tanto um aspecto de ordem técnica da internet, que facilita certos tipos de expressões. Então, por exemplo, a possibilidade de você frequentar espaços de discussão em que existe anonimato. Então, se a gente for pensar nesses espaços tipo 4chan ou mesmo no Brasil, por exemplo, na época do Orkut era possível você ter contas com pseudônimos, em que você não se identificava.

Então, essas possibilidades proporcionam uma maior liberdade para você falar, inclusive coisas que beiram coisas criminosas, ou às vezes até são, livremente, você está protegido por aquele ambiente.

Então, isso é uma coisa importante de ser dita, essa possibilidade de as pessoas expressarem o que quiserem. E outra coisa que também é importante, é a dimensão política da conjuntura em que isso aconteceu. Porque, primeiro, a gente precisa



entender que esses grupos - e eu vou falar mais dos Estados Unidos porque é a realidade mais próxima que eu acabei conhecendo mais por conta da pesquisa, eu não sei como foi na Europa, nos países da Europa - aconteceu que esses grupos passaram a se organizar, se fortalecer, justamente na vigência de governos progressistas. Tanto do Obama, quanto do Lula aqui no Brasil.

Então acho que isso foi muito importante. Essa existência, pelo menos aqui no Brasil, de uma hegemonia lulista. Quer dizer, em 2010 o Lula saiu com uma aprovação recorde, de mais de 80% da população. Isso é muito importante, porque foi justamente... juntando esse aspecto técnico, com essa ideia de que "olha, essa hegemonia lulista está excluindo a gente do debate público", falando do ponto de vista das pessoas de direita. E aí é óbvio, para quem era de esquerda, mas que não estava alinhado com a hegemonia lulista, fiavam também difícil de debater. Mas era mais complicado você falar "olha, sou feminista, mas não me sinto contemplada"; "sou do movimento negro, mas não me sinto contemplado". [As pessoas iriam falar] "olha, mas como assim? Houve vários avanços..."

E para a direita acho que era mais fácil de falar que não estava sendo contemplada. E para além disso, outra coisa que eu também quero chamar atenção é o papel da ocupação quase que original, primeira, de determinados espaços na internet. Então, em um certo sentido, acho que as direitas foram vanguardistas. Porque é isso, o 4chan acho que existe desde 2003-2004. E no Brasil, em 2004, o pessoal de direita já conhecia esses fóruns e já frequentava.

Isso, com certeza, faz uma diferença muito grande quando você vai ver porque determinados grupos têm mais sucesso, porque eles já estavam acostumados a usar essas dinâmicas da internet. O próprio Olavo [de Carvalho] já fazia isso que a gente chama de podcast, ele já fazia em 2006, há 15 anos atrás.

Fernando Baldraia:

Eu tenho uma resposta até muito simplória pra essa coisa, e respostas simplórias geralmente não são muito boas, mas em todo caso eu vou dizer ela aqui. É muito mais fácil você manter e você destruir coisas incipientes e muito trabalhosas, do que desconstruir hegemonias muito estabelecidas. É muito mais fácil. Você pega, por exemplo... Eu vou mudar um pouco da masculinidade, para o mito da democracia racial no Brasil.

O trabalho que foi quando a gente começou a discutir ações afirmativas, implantação de cotas, explicar para as pessoas o que era racismo. E continua sendo um trabalho que precisamos fazer hoje, 15 anos depois, com uma intensidade, que eu realmente fico pirado. Eu falo "como é? É aquele 'hora da marmota', voltamos para o começo?"

Porque não é possível, parece tão evidente e está se tornando gradativamente cada vez mais evidente. Então, uma coisa muito fácil é que esses grupos vão trabalhar na intuição



das pessoas, eles não precisam explicar o que eles estão dizendo. Quando ele faz uma piada racista, quando reproduz uma tirada misógina, homofóbica, ele pode simplesmente fazer isso sem se preocupar em explicar para a pessoa porque aquilo é aquilo.

Então, tem uma coisa de afirmar a própria subjetividade de quem está ouvindo, um senso comum generalizado, de gerar humor com isso, o humor se baseia muito nisso. Está tendo toda uma proposta no Brasil nos últimos anos de você rever o humor, de repensar o humor. Tem um livro muito interessante do Adilson Moreira, que chama *Racismo Recreativo*, ele explica como o racismo se tornou no Brasil uma maneira de você simplesmente viver o mundo e se divertir às custas das pessoas negras.

Então, quer dizer, é claro que para você entrar nessas mídias rápidas, ágeis e com essa coisa que a Camila estava falando, tem uma questão de acesso, também aos movimentos de base. Imagina só, o movimento de mulheres negras, partindo das periferias, das favelas, com pouquíssimo acesso ao computador, à internet, é uma coisa de recurso mesmo. Para você, no começo dos anos 2000, ter acesso a esse mundo, era muito difícil.

O acesso à internet era muito limitado, mas a reflexão acumulada do movimento negro, do movimento indígena, do movimento feminista sobre essa coisa era enorme. Ela está começando a surtir efeito agora, mas ela era enorme. Ao passo que essas pessoas vivem de uma espécie de inércia poderosíssima e essa inércia poderosa ajuda muito.

Eu ouço e falo, bom, na verdade a resposta não é tão difícil. É simplória, mas não é tão difícil.

Raphael Concli: Agora pensando um pouco nos atores progressistas, como vocês veem essas forças? Quais movimentos a gente poderia observar aí? E eu queria ainda adicionar um ponto, que é pensar na questão das estratégias, das formas de agir.

E sobre isso tem um exemplo que eu acho interessante trazer: recentemente o New York Times lançou um podcast chamado *The Rabbit Hole*. É uma rádioreportagem em 8 partes, que discute o papel da internet como um espaço de formação pessoal e como esse é um espaço muito fértil para radicalização, para o extremismo e para o fortalecimento de narrativas conspiratórias.

Mas dentre as muitas histórias interessantes que tem ali, uma coisa me chamou atenção, que é a existência nos Estados Unidos de produtores de conteúdo à esquerda, que usam algumas estratégias próximas do que a gente tem associado a essa nova direita, como o deboche de opositores políticos.

Isso é algo que talvez a gente comece a ver mais na forma de agir dos atores progressistas?



Peter Birle:

Acho que é muito perigoso e ao mesmo tempo muito tentador, no sentido de ver que as estratégias de comunicação da direita são exitosas. Então imitar o mesmo tipo de estratégia com outro conteúdo, eu acho que é muito perigoso!

Então a estratégia dos atores progressistas exatamente não pode ser imitar as estratégias da direita com mensagens muito simplificadoras, mas inventar novas estratégias. Eu não tenho neste momento as estratégias, essa é a pergunta do milhão. Mas estou seguro que não se pode imitar as estratégias atuais da direita radical.

Camila Rocha:

Bom, então, na verdade eu acho que eu vou tentar ser bem sucinta. Como eu já disse, eu evito essas posições muito técnico-deterministas. Então, eu acho que a solução é política, é importante dizer, inclusive, que para o eleitorado popular do Bolsonaro - eu e a Esther fizemos dezenas de entrevistas em profundidade com essas pessoas - o grande problema do Brasil continua a ser a desigualdade social abissal do país.

Então, eu acho que com certeza lideranças políticas que sejam capazes de articular todas essas demandas dos movimentos feministas, negro, LGBT, indígena, quilombola, pessoas com deficiência, etc - todos esses grupos, juntamente com a questão da desigualdade social - e propor soluções ousadas, radicais, que sejam obviamente construídas com a sociedade civil, amplamente debatidas...

Eu acho que esse processo, como o Fernando já apontou, de convencimento, de sensibilização da população em relação a uma série de temas, ele não é fácil, mas eu acho que se ele for feito de forma ousada e de forma acolhedora, acho que isso é importante deixar claro.

Porque a gente não pode deixar de fora o precariado branco, ou mesmo pessoas de classe média, pequenos empresários, etc. Eu acho que a gente tem justamente que pensar em como conseguir um discurso que seja o mais amplo possível, mas ao mesmo tempo que seja contra determinadas elites e determinados grupos, que são contra o pacto de [19]88, contra o aprofundamento de mudanças sociais.

Eu acho que é isso, na verdade as pessoas querem sim que o Brasil seja um país menos desigual. Mesmo boa parte das pessoas que votaram no Bolsonaro, isso é importante de se dizer.

Fernando Baldráia:



A gente não pode abrir mão das novas ferramentas tecnológicas. Seria um pouco tolo tentar fazer isso. E nem das estratégias, às vezes, mais ou menos simples de convencimento, como hashtag, uma coisa um pouco mais panfletária.

Isso funciona para dar um start, para mobilizar, para sensibilizar, para chamar para o debate, para incomodar um pouco, para provocar certos deslocamentos. Ao mesmo tempo a gente tem uma série de ações locais que existem. Se a gente pega, por exemplo, o movimento quilombola, as pessoas estão lá, onde eles vivem.

O movimento indígena. Esses movimentos de base tem esse nome, porque eles estão na base, estão funcionando, a galera que está discutindo isso nas rodas de capoeira, os *ballrooms* LGBT. Então você tem uma efervescência de movimentos de base. O movimento hip hop, engajadíssimo; os slams de poesia, principalmente os slams de poesia ligados às feministas negras; a atividade literária de blogs de todo tipo, de Youtuber, está aí.

Então, quer dizer, a gente tem um movimento de base funcionando em que as pessoas estão na interação intersubjetiva, individual, estão olhando na cara do outro. Você vê que no meio da pandemia saiu uma marcha antirracista, depois do assassinato do George Floyd.

É importante a gente entender que essas coisas não se excluem, como elas efetivamente não excluem as camadas médias e a elite no Brasil. Porque você vai ver a Folha em uma campanha intensa pela democracia, não é um mero acaso que a Ombudsman da Folha é uma mulher negra. Estão aparecendo algumas novidades, da parte da Folha, da parte do Grupo Globo, você ter debates que antigamente eram debates quase tabu na sociedade brasileira aparecendo cada vez mais na pauta hegemônica, na mídia mainstream, na grande mídia.

A Companhia das Letras tem atuado muito nesse sentido, fez há pouco tempo jornadas antirracistas. Então tem todo um debate que está vindo de cima a baixo. E o cuidado é exatamente esse, de não reproduzir uma estratégia de deixar que os robôs ou a internet cuide da coisa, porque de fato, aí eu concordo com o Peter, se a gente repetir isso não vai funcionar. Pode funcionar para você reproduzir a hegemonia, mas não vai funcionar se você quer dar passos progressistas gradativos.

Agora, quanto tempo a gente vai precisar pra gerar esse impulso e essa força é outra coisa.

Mas que as estratégias já estão ganhando uma certa cara, eu acho que já está acontecendo.



Donald Trump:

— *We will make America proud again. We will make-*

Jair Bolsonaro:

— *Brasil e Estados Unidos*

Donald Trump:

— *great again! And we will make America-*

Jair Bolsonaro:

— *acima de todos!*

Donald Trump:

— *God bless you and good night! I love you!*

Joaquim: Eu queria propor uma última questão, pegando um pouco o espírito do momento da questão do coronavírus, que é uma imagem bastante recorrente que são as curvas e os gráficos da curva epidemiológica. Eu queria brincar e pensar uma curva epidemiológica para a onda conservadora. Na percepção de vocês, se existisse uma curva como essa, vocês acham que a gente está onde? A gente passou o pico? A gente não chegou no pico? A gente está num platô que vai durar muito tempo, ou a gente já está decrescendo? Claro como metáfora, mas o que vocês diriam? Estamos no meio, falta muito para acabar? Vocês acham que a debacle do Trump pode ser uma sinalização diferente? Camila, você quer começar?

Camila Rocha:

A gente tem que pensar que o Bolsonaro, o bolsonarismo, essa direita radical, ela justamente é contra o pacto de 88.

Então, por isso que inclui toda essa agenda de Direitos Humanos e que justamente não é só no Brasil, ela é internacionalizada. Então, para eles isso tudo é globalismo, é marxismo cultural e precisa ser combatido. Nesse sentido, não deixa de ser uma coisa não só reacionária, mas revolucionária, no sentido de que não é só restaurar a ordem burguesa que existia antes, mas tem aí uma distopia. Claro, uma utopia no olhar deles, mas para nós seria uma distopia, para quem é a favor justamente do aprofundamento dessa agenda de Direitos Humanos.

Mas, em relação a essa comparação que eu achei muito interessante que você fez com relação a essas curvas, eu acho que é uma pergunta muito difícil de responder, porque



estamos em um momento que aconteceu uma inflexão muito importante no bolsonarismo com a pandemia.

Eu e a professora Esther Solano fizemos uma última pesquisa que apontou para isso, como boa parte do eleitorado do Bolsonaro ficou muito decepcionada com a postura dele frente à pandemia. Porque eu acho que enquanto esses ataques estavam sendo dirigidos a populações subalternas, ainda existia uma espécie de tolerância, se não concordância com esses ataques, como o Fernando bem falou. Porque é a hegemonia que existia antes e que passou a ser atacada, então é mais fácil você restaurar ou concordar tacitamente com isso.

Agora, em relação ao problema de saúde que passou a atingir a população dessa forma, fica um tanto mais complicado de você defender. Agora é importante a gente também levar em consideração que agora a pandemia ela passou a afetar de forma muito mais cruel populações pobres, negras, em comparação com pessoas de classe média e alta.

Então, eu acho que a gente tem que observar isso, para entender as percepções de diferentes populações em relação à pandemia. E falando a título de hipótese, de repente, se no final do ano, no começo do ano que vem, se encontrar uma vacina, por exemplo, para o vírus, a gente sabe que o Bolsonaro ainda tem bastante tempo de governo, ele não chegou nem na metade do governo dele. Então, eu acho que pode acontecer de estarmos tendo uma espécie de platô nesse momento que está tendo um desgaste importante, mas que ele eventualmente consiga de alguma forma recuperar.

Claro que temos que olhar para a economia, como vai sair disso e o que o governo vai propor. Mas, enfim, eu acho que eu olharia para essas percepções de diferentes setores da população em relação à pandemia e em relação à recuperação econômica.

Joaquim: Então você não exclui a possibilidade de uma segunda onda conservadora, como uma segunda onda da Covid?

Camila Rocha:

Não!

Joaquim: Peter, você tem alguma reflexão a respeito dessa dinâmica?

Peter Birle:

Sim, é uma boa pergunta, eu acho que tem vários elementos. Tem elementos positivos e tem elementos negativos e tem elementos ainda inseguros. Por exemplo, o que passou em Bruxelas nos últimos dias acho que pode ser um elemento positivo, no sentido de que



a União Europeia foi capaz de ter um novo orçamento para os próximos anos e também uma ajuda comunitária pelos países que têm muitos problemas com o coronavírus.

Acho que é um fato sem precedentes na política europeia pode ser interpretado com todas as críticas possíveis. Mas acho que tem algo positivo. Um segundo elemento, no próximo novembro, as eleições nos Estados Unidos. Vai depender muito se o Trump pode ganhar uma segunda vez, ou não.

Neste momento, parece que não, mas vamos recordar que antes da primeira eleição ninguém pensava na possibilidade de uma vitória eleitoral do Trump e ele ganhou. Então se ele chegar a ter um segundo mandato de quatro anos, ele vai seguir destruindo redes e instituições, não somente nacionais, mas internacionais.

Eu não acho que com o presidente Biden o mundo vai voltar à situação anterior a Trump. Porque o Trump não somente é a causa de muitos desenvolvimentos negativos, mas também ele mesmo é o resultado de desenvolvimentos que antes havia nos Estados Unidos.

Por exemplo, os câmbios da cultura política dos Estados Unidos, o crescente conflito entre os distintos partidos e outros problemas que, ao final, tem permitido ao Trump também ganhar eleições com as suas posturas e estratégias tão conflitivas.

Então o mundo não vai voltar a uma situação como nos anos 90, mas se ganhar Biden, há uma possibilidade de se voltar a uma política internacional global mais racional, a um certo multilateralismo. Na América Latina nesse momento é muito difícil, porque a situação de muitos países é dramática. É dramática porque não existe possibilidade nas estruturas regionais de buscar estratégias comuns.

Então, cada país está lutando com seus instrumentos próprios e vai ser muito difícil de voltar a certo multilateralismo regional. No mundo também tem muitos fatores como o desenvolvimento da China e da Rússia que é muito difícil de interferir nisto.

Então, onde estamos com a curva do conservadorismo? Difícil, tenho certas esperanças, mas ao mesmo tempo também estou seguro que pelo que podemos ver, não estamos por voltar a uma situação muito idílica.

Joaquim: Fernando, você quer comentar?

Fernando Baldraia:

Eu achei muito bacana o paralelo. Estava aqui pensando e eu pensei em duas leituras, uma mais pessimista e uma mais otimista. Como todo mundo está fazendo com relação à pandemia.



Se a gente olhar para a eleição recente na Polônia, para como as coisas estão na Hungria, o fato de que agora o Modi foi reeleito há pouco tempo. E, para duas outras coisas, primeiro: para o fato de ainda se ter dúvidas se o Trump cai ou não. E aqui no Brasil, com o tamanho dessa tragédia, ainda assim o Bolsonaro chega perto de 30% de bom ou ótimo.

A crise está escancarada, mas como é possível que esse governo ainda tenha quase um terço de aprovação? Nessa leitura, é como se o coronavírus da ascensão da extrema direita... Tem essas pesquisas apontando que talvez o coronavírus não seja só uma doença respiratória, de que ele ataca os rins, de que ele ataca o sistema circulatório, de que ele seja um vírus que tem uma função sistêmica, muito talvez aparentado com o que foi o HIV, quando surgiu. É um vírus talvez mais danoso e mais potente do que a gente imagina.

Se a gente faz essa leitura pessimista e o paralelo com o HIV, podemos pensar que o tempo para debelar essa pandemia vai ser correspondente. Precisaram de algumas décadas de pesquisa, de trabalho, para você ter o HIV sob controle. Aí a gente pode pensar que essa ascensão tem algum fôlego, não sei se eu chamaria de platô, eu diria que vai ser uma coisa que a gente quase que teria que se habituar a viver com ela e ao efeito danoso potencial que ela pode ter o tempo inteiro, e estar sempre alerta para controlar. E que isso vai demorar um certo tempo.

Uma leitura mais otimista apostaria num outro vocábulo de toda discussão sobre o coronavírus, que é a imunidade de rebanho. A gente pode pensar que a ascensão da extrema direita, do jeito que está no Brasil, nos Estados Unidos, na Europa, nas Filipinas, em todo canto. De que isso vai mostrar em um espaço de tempo relativamente curto o tamanho da besteira que isso é.

No quão danoso tudo isso é e nos problemas que isso vai acarretar para a saúde da humanidade, do planeta. E que num tempo relativamente curto, de preferência de um mandato, mas no máximo de dois - pode ser dois aqui, dois nos Estados Unidos - a gente perceba que esse definitivamente não é o caminho. Seria uma espécie de último suspiro de toda essa construção. E em coisa de quatro, cinco anos, no máximo oito, atingiríamos essa imunidade de rebanho.

E esse viraria um vírus banal, um vírus que a gente que está ali, mas que a gente pode controlar ele com uma certa facilidade. O sistema imunológico da sociedade consegue manter ele sob vigilância. E na hipótese super otimista ele simplesmente fica inativo, não aparece mais. Acho que é isso.

Peter Birle:

Somente uma última coisa, eu acho que a democracia vive de alternativas, isto para mim significa que é muito importante não somente criticar os conservadorismos e a extrema



direita, mas também construir novos atores progressistas. Um novo consenso progressista que também se apresenta como uma alternativa para uma parte muito grande da população.

Sem isto vai ser muito difícil alcançar vitórias eleitorais contra atores como o Bolsonaro, ou o Trump. Então, fortalecer as alternativas vai ser fundamental nos próximos anos.

* * *

Raphael: Essa foi mais uma edição do Diálogos Mecila, nós agradecemos à cientista política, Camila Rocha, ao historiador Fernando Baldráia e ao cientista político Peter Birle, pela conversa.

Fiquem de olho no site do Mecila, na nossa Newsletter e nas nossas redes sociais para acompanhar quando irão estar disponíveis os artigos da Camila e do Fernando.

Esse episódio usou áudios de Game Play R7, News Nation, CNN, TV Brasil, Olavo de Carvalho, El Veneco Brasil e a trilha Sultan, do filme *KGF*, Capítulo I.

O Diálogos Mecila é uma produção do Maria Sibylla Merian Centre: Conviviality-Inequality in Latin America. Jörg Klenk é o nosso Coordenador Científico. Melanie Metzen é a nossa Coordenadora de Comunicação e Eventos. Gustavo Diniz faz o apoio de produção.

Joaquim: Eu sou Joaquim Toledo Jr., Editor Científico do Mecila.

Raphael: Eu sou Raphael Concli e edito esse podcast. Obrigado a você que nos ouviu até aqui. Até mais!